



GT 046. Música, Som e Formas Expressivas

Wagner Neves Diniz Chaves (Departamento de Antropologia Cultural/UFRJ) - Coordenador/a, João Miguel Manzollilo Sautchuk (DAN/UnB) - Coordenador/a

Expressiva, comunicacional e performativa, aglutinadora de múltiplos conhecimentos, significados e agenciamentos, a música é um campo fértil para investigação antropológica de um conjunto de temas e questões, possibilitando o diálogo entre diferentes nichos dos debates antropológicos, tais quais etnomusicologia, etnologia indígena, cultura popular, patrimônio, antropologia urbana, antropologia do Estado e análise de rituais e performances. Apostando na relativização da noção de música como categoria analítica e partindo da superação do antigo dilema que apartava análise dos aspectos sonoros e interpretação dos sistemas de pensamento e ação, este Grupo de Trabalho volta a atenção para as conexões entre múltiplos aspectos das práticas musicais e produções sonoras e seus significados sociais, principalmente as relações da música com outros meios expressivos e práticas sociais, e as dimensões técnicas e práticas do fazer musical. Tendo em vista esta perspectiva geral, pretende-se explorar os seguintes eixos temáticos: 1) música e linguagem; 2) interação no fazer musical; 3) teorias musicais nativas; 4) música, ritual e performance; 5) mediação, apropriação e identidade; 6) gravação, representação fonográfica e arquivos; 7) paisagem sonora.

Pep-cahàc jô amji kí: performances de guerra e paz que entrelaçam antigos inimigos

Autoria: Lígia Raquel Rodrigues Soares, GIRALDIN, Odair

A relação entre rituais e guerras é comum entre os povos indígenas no Brasil, como apontam Menezes Bastos (2013) e Perrone-Moisés (2015). Estudos sobre esse tema mostram riqueza etnográfica e chave para entendimento dos povos indígenas em suas relações, alianças e políticas internas e externas. Neste paper enfocaremos três momentos que perfazem o ritual do Pep-cahàc entre os Ràm-kôkamëkra/Canela (povos Timbira do Brasil Central) e que conectam rituais, guerras e chefias. O primeiro é o Apê craw-crawre, performance na qual os participantes se posicionam em duas fileiras, uma em frente a outra, empunhando varas seguradas horizontalmente. As varas são levantadas acima da cabeça e abaixadas na altura do joelho, ao som do canto do Apê craw-crawre, enquanto andam pela rua radial da aldeia. A performance musical se inicia em clima de euforia, com muito barulho e uma encenação de enfrentamento. Nesse tom ameaçador, criando-se um ambiente propício à performance de confronto de inimigos, "como uma guerra", entra em cena o kí cunêã mẽ hõ pahhi. Literalmente "chefe de todas as aldeias", ele caminha entre as duas fileiras, separando-as e apaziguando os ânimos pois é considerado um embaixador atuando para evitar brigas, acalmar os ânimos e evitar o enfrentamento, pois todos o respeitam. O segundo momento é o que trata da instituição e da atuação dos chefes honorários Tamhàc. Eles são chefes cerimoniais que representam os diferentes povos que constituem os atuais Ràm-kôkamëkra/Canela, com performance principal durante o Pep-cahàc no qual, após serem ornamentados, distribuem alimentos entre os seus representados com execução dos cantos específicos (Pocpoc). Essa chefia confirma e reforça o mosaico de povos (aliados e inimigos no passado). O terceiro momento é a performance do "veado cansado" executada ao final do Pep-cahàc pelos rapazes que estão prestes a finalizar a sua reclusão. No ritual do Pep-cahàc consideramos que tais momentos nutrem antigas alianças estabelecidas no passado, quando da junção dos vários povos numa mesma aldeia (Crocker, 1978), sendo uma forma de lembrar, enfatizar e renovar tais alianças com antigos inimigos que hoje vivem juntos. Nessa chave da performance e renovação alguns pontos merecem ser destacados: o respeito e o prestígio dos chefes; a solidariedade entre o chefe honorário e seu grupo ao qual ele é liderança; a reciprocidade entre aqueles que fazem parte de seu povo. As performances são também renovações de um contrato de prestações e contraprestações que se estabelecem entre esses diferentes povos, antigos



inimigos e, hoje, aliados. Antes encenadas pelos inimigos em combate, hoje fazem parte do cotidiano implicando em trocas de amabilidades, banquetes, serviços, mulheres, sementes.



Realização:



Apoio:



Organização:

